

**OS PROJETOS DE MODERNIDADE ARTÍSTICO-LITERÁRIOS DE JOSÉ MARTÍ, JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, JOSÉ LEZAMA LIMA E ÁNGEL RAMA**

**Gisele Reinaldo da Silva**

*O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do "já dito", o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo.*

Mikhail Bakhtin (1998)

*A universidade europeia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; pois não há pátria na qual o homem possa ter mais orgulho do que em nossas doloridas repúblicas americanas<sup>ii</sup>.*

José Martí (1983)

José Martí (1983), em seu texto "Só será escritor imortal nas Américas", elucida que para ser o Dante, o Lutero, o Shakespeare ou o Cervantes dos americanos há que se refletir sobre as condições múltiplas e confusas desta era, as quais precisam ser condensadas, elaboradas, esmiuçadas, informadas por um grande tecido artístico-literário. Martí (1983) defende a ideia de, no século XIX, a América possuir matéria prima, notas soltas, vibrantes e poderosíssimas de uma literatura que se inicia, no entanto, não se respalda, ainda, como literatura própria.

Já no século XX, o pensamento social moderno americano entende a América não como extensão da Europa, mas, a partir de uma interpretação crítica de sua realidade histórica, como um continente em que o construto ideológico nasce de suas próprias entranhas, de seus países, de seus problemas, de seu afã revolucionário. Trata-se de um esforço de descolonização espiritual de um continente cuja marca inventiva é fértil e a luta por integrar-se como uma das ricas fontes culturais do universo é pertinente. Durante o século XX, a América Latina experimenta uma profunda revolução no âmbito dos debates ideológicos, da cultura e da arte porque enxerga a realidade de forma nova, sendo este o foco de discussão que cumprir-se-á neste estudo.

Nas palavras do escritor cubano supracitado (MARTÍ, 1983:65):

Não existirão letras, que são expressão, enquanto não houver essência para nelas se exprimir. Nem haverá literatura hispano-americana enquanto não exista Hispano-América. Estamos em tempos de ebulição, não de condensação; de amálgama de elementos, não de obra enérgica de elementos unidos. As espécies estão lutando pelo domínio na unidade do gênero. – O fidalgo apego ao passado corta o caminho ao apostólico anseio do porvir.

A intenção de José Martí (1983:66), com esta escrita contundente, objetiva mostrar que obras magnas das letras foram sempre expressão de épocas magnas, de acordo com sua perspectiva:

A um povo indeterminado, literatura indeterminada! Mas quando os elementos do povo se aproximam da união, aproximam-se e condensam-se, numa grande obra profética, os elementos de sua Literatura. Lamentemo-nos agora de que nos falte a grande obra, não porque ela nos falte, mas porque isso é sinal de que ainda nos falta o povo magno do qual ela há de ser reflexo, – que deverá refletir – (de que deverá ser reflexo). Unir-se-ão num consórcio urgente, essencial e bendito, os povos conexos e antigos da América? Dividir-se-ão, por ambições mesquinhas e ciúmes provincianos, naçõeszinhas desmioladas, extraviadas, laterais, dialéticas?

O escritor latino-americano deve proporcionar ao público uma obra que ofereça o pródigo sol que o esquente e, ao mesmo tempo, galhos que lhe açoitem o rosto pelo caminho. Essa definição parafraseia as palavras de Martí (1983:67), ao referir-se ao segundo número da *Revista Venezuelana*, porque serve, igualmente, para o contexto de produção literária de todo o século XX. Trata-se de uma arte que não visa ao divertimento do leitor, mas a elevação dos espíritos, conforme as palavras do autor: “no culto do extraordinário e naquilo que nos é próprio”. (MARTÍ, 1983:67)

Falar aos venezuelanos e americanos sobre sua grandeza e benefício é a tarefa da *Revista Venezuelana*, na concepção de Martí (1983). Há que se abandonar, com mão segura, tudo o que consistir em obstáculo passado, em uma época de renascimento, na qual perdem-se os antigos limites pela escolha de andar-se incerto em busca de novos. No questionamento e elucidação de Martí (1983:68) sobre esta empresa:

Como? Quando se insinuam por sobre as ásperas e quentes ruínas da época passada os tempos admiráveis e gloriosos, que os enérgicos engenhos e elementos robustos deste povo anunciam; [...] quando é preciso derrubar, abrir caminho entre os escombros, plantar a haste verde, arrancada do bosque virgem, e fundar; quando, possuidores da excessiva instrução literária, que herdamos da colônia preguiçosa, vivemos, de certa forma, como estranhos diante desses mares que nos falam de um poder e de uma fama que haverão de vir, dessas selvas, guardiãs clementes de nossa fortuna abandonada, e dessas montanhas de ouro, que desfeitas em fogo estremeçam coléricas sob os nossos pés [...]; quando as árvores permanecem de pé nos bosques, como guerreiros dispostos à luta, à espera destes desdenhosos povos que não acodem a recolher o fruto desse magnífico combate entre os humanos e a natureza; quando as nações

ignoradas povoam florestas suntuosas e se falam línguas raras por caminhos escondidos [...].

Sua defesa é de que três séculos de entorpecimento do andar americano precisam ser ressignificados para que um continente pujante seja levantado como guia e admiração dos homens. Este será alimento para um povo resistente, forte, digno de seu berço e glorioso destino e, nesta conjuntura, cabe aos escritores o papel de construção de uma obra que sufoque as lágrimas individuais em benefício das grandezas nacionais.

É sinal de força andar com passos firmes, na concepção de Martí (1983:69), “com a mão apoiada no arado que quebra, desmonta, desmata e revolve a terra, – em direção ao futuro, com a cabeça erguida.” É sinal de força, nesta leitura ainda, meditar para crescer e convidar as Letras para servirem ao patriótico, de braços dados com a história, considerando que, diante da obra colossal, há que se olvidar o fervor individual e gerar a obra.

Essa é a proposta de Martí (1983) aos escritores de seu tempo, por seu entendimento crítico sobre o processo de formação histórico-cultural do continente americano. De acordo com a concepção do autor (MARTÍ, 1983:69-70):

Quem diz Venezuela, diz América: porque sofrem dos mesmos males e dos mesmos frutos se abastecem, e alimentam os mesmos propósitos aqueles que, às margens do rio Bravo, se acotovelam em terra mexicana com o apache indômito, e aqueles que, nas terras do Prata, avivam suas fecundas sementes com as águas agitadas do rio Arauco. Como a sacada de onde o mundo antigo contempla nosso mundo fértil, e porque é elemento útil em nossa vida, o movimento universal estará representado pelo resumo sucinto e proveitoso dos grandes livros que se publiquem em todas as partes do mundo.

Em seu texto “Mãe América”, o autor (1983:190-191), de forma bastante poética, apresenta ao leitor uma América unida pela força e pela luta, pela semelhança de passado histórico e destino inexorável de independência:

A cavalo, a América inteira! E ressoam na noite, com todas as estrelas cintilando, por planícies e montanhas, os cascos redentores. Falando a seus índios vai o clérigo do México. Com a lança na boca, os índios venezuelanos atravessam os rios. Os *rotos* do Chile marcham de braços dados, com os *cholos* do Peru. Com o barrete frígido do liberto, vão os negros cantando atrás do estandarte azul. De poncho e bota de montaria, girando as boleadeiras vão, em ritmo de triunfo, os esquadrões de gaúchos. Cavalgam, com o cabelo solto, os *pehuenches* ressuscitados, agitando sobre as cabeças o chicote emplumado. Pintados como guerreiros e abraçados ao pescoço de seu cavalo, vêm os araucanos, com a lança de taquara coroada de plumas coloridas; e ao amanhecer, quando a luz virgem se derrama pelos despenhadeiros, vê-se a San Martín sobre a neve, crista da montanha e coroa da revolução, envolto em sua capa de batalha, atravessando os Andes. Para onde vai a América e quem a une e guia? Sozinha e como um só povo, levanta-se. Luta sozinha. E, sozinha, vencerá.

Todo o veneno derramado na América é transformado em seiva. Da oposição e desgraça, nasce um povo precoce, generoso, firme, constituinte de

um mundo novo, apesar dos monstros no caminho, pela percepção histórica de que nas praças, onde hereges foram queimados, levantaram-se bibliotecas.

O que não foi feito, na visão de Martí (1983), se justifica porque não houve tempo, já que os americanos estiveram ocupados limpando de seu sangue as impurezas que lhes legaram seus pais. Sua percepção é de que “por entre as raças geladas, e as ruínas dos conventos, e os cavalos dos bárbaros, abriu caminho o americano novo, e convida a juventude do mundo para erguer a barraca em seus campos”. (MARTÍ, 1983:191)

Tomando por base, ainda, o questionamento do escritor (1983:190):

Que importa que, tendo o livro na frente os olhos, não víssemos, ao nascer como povos livres, que o governo de uma terra híbrida e original, formada com espanhóis retalhistas e aborígenes turbos e apavorados, além da contribuição africana, devia compreender, para ser natural e fecundo, os elementos todos que, em tropel maravilhoso e pela política superior escrita na Natureza, levantaram-se para fundá-la? Que importam as lutas entre a cidade universitária e os campos feudais? Que importa o desdém, recheado de guerras, do marquês laçao para com o operário mestiço?

Cresce uma América que a tudo vence, potente e infatigável, capaz de plantar cada dia mais alto o seu pavilhão. De sol a sol, avança em conquistas, tendo como aliada a formosura e vastidão de sua natureza, cuja ordem e grandeza ambientes compensam a desordem e mistura aleivosa de origens. Liberdade não local, ou de raça, ou de seita, mas liberdade da força do braço, por uma América heroica e trabalhadora, franca e vigilante, sem desconfianças pueris nem ingênuas confianças, acolhedora de todas as raças a serem aquecidas por seu calor, tendo-a como lar.

Houve quem cresse que estes países se salvariam e, com efeito, se salvaram. Semearam nos mares, dominaram a selva e surgiram sobre os desertos, coroados de cidades, fundadores de uma América com livros e jornais, municípios e estradas de ferro. Martí (1983:192) elucida o seguinte:

E ao reaparecer nesta crise de elaboração de nossos povos, os elementos que o constituem, é o crioulo independente que domina e se firma, não o índio de espora, marcado pelo chicote, que segura o estribo e nele acomoda o pé para que seu senhor seja visto de mais alto. Por isso vivemos aqui, orgulhosos de nossa América, para servi-la e honrá-la. Não vivemos como futuros servos nem como aldeões deslumbrados, e sim com a determinação e a capacidade de contribuir para que seja estimada por seus méritos, e para que seja respeitada por seus sacrifícios.

Na percepção de Martí (1983), as próprias guerras enfrentadas pela América são o selo de honra dos povos americanos, os quais não hesitaram em surtir, com o adubo de seu sangue, o caminho para o progresso. A América apresentada pelo escritor (MARTÍ, 1983:192-193) é luz, hóstia, aos mensageiros ilustres surgidos de seus povos e, a estes, formula um convite – cujo realce lhe atribui um compromisso quase cósmico – para com o continente:

Mostremos a alma tal como é a estes mensageiros ilustres que vieram de nossos povos, para que vejam como é honrada e leal, e que a admiração justa e o estudo útil e sincero do alheio, sem lentes de presbitismo nem de míope, não nos enfraquece o amor ardente, salvador e santo do que é nosso; nem pelo bem próprio, se na consciência sem paz existe o bem, haveremos de ser traidores daquilo que a natureza e a humanidade nos ordenam fazer.

Trata-se da hora da avaliação e da marcha unida, como diria Martí (1983:194), em outro texto "Nossa América". Porque somente homens deficientes não acreditam em sua terra e, ao faltar-lhes coragem, acabam por negá-la aos demais: "estes nascidos na América que se envergonham de levar indumentária indígena, da mãe que os criou, e que renegam – velhacos! – a mãe doente e a deixam sozinha no leito da doença!". (MARTÍ, 1983:195)

A visão do autor (1983), com a qual estamos de acordo, é que de fatores tão desordenados, nunca antes, em tempo histórico menor, criaram-se nações tão precoces e sólidas. Na América, o bom governante não é aquele que domina o modo como um europeu deve ser governado, mas aquele que discerne os elementos que constituem seu próprio país e, por métodos e instituições nascidas em sua própria terra, estabelece um governo cujo espírito ou forma de liderança deve concordar com a constituição própria da nação. Afinal, "o governo não é mais que o equilíbrio dos elementos naturais do país". (MARTÍ, 1983:196)

Quando um governante ignora, ainda que parcialmente, as verdades de um povo se torna vítima da verdade que lhe faltou. À medida que ascende na negligência, acaba por ser derrubado, em seguida, ao presumir ser capaz de levantar-se sem ela. A justiça acumulada nos livros precisa ser administrada na medida da demanda patente de cada país. O conhecimento sobre a nação é indispensável para a composição de um governo. Martí (1983:197) elucida o seguinte:

[...] a América começou a padecer, e padece, pelo cansaço da acomodação entre os elementos discordantes e hostis, herdados de um colonizador despótico e avesso, e as ideias e formas importadas que vieram retardando, por sua falta de realismo local, o governo lógico.

Nesta concepção, o problema da Independência não compunha uma mudança de forma, mas de espírito. Não se tratava, ainda, da razão universitária de alguns sobreposta à razão camponesa de outros (MARTÍ, 1983:198):

A colônia continuou vivendo na república; e nossa América está se salvando de seus grandes erros – da soberba das cidades capitais, do triunfo cego dos camponeses desdenhados, da importação excessiva das ideias e fórmulas alheias, do desprezo injusto e grosseiro pela raça aborígene.

O desafio americano consiste em vencer um passado sufocante e o desprezo de donos que desconhecem sua potência. Importa que a América, unida em alma e intenção, como defende Martí (1983), se imbrigue, integralmente, na luta por estabelecer-se em liberdade plena, sem divisão de raças, pela compreensão de que não existem raças, senão, na mistura dos povos, mesclam-se corpos diversos em forma e cor.

Roberto Fernández Retamar (2006), referência do pensamento intelectual cubano, em seu livro *Pensamiento de nuestra América: autorreflexiones y propuestas*, esclarece que na América espanhola (a maioria de nossa América) havia, por volta de 1800, quase 14 milhões de indígenas, milhões de escravos negros e cerca de 3 milhões de brancos. Desta minoria branca, apenas 5% eram espanhóis, os quais, no entanto, detinham todo o poder político e eclesiástico.

Esta é a América profunda, real, a qual precisa libertar-se de todos os crimes e atentados justificados pela hipocrisia da palavra “civilização”, que coroa a evolução da mentira, na medida em que ao “civilizado” lhe é permitido exterminar o índio.

Durante o século XX, a América Latina experimenta uma profunda revolução no âmbito dos debates ideológicos, da cultura e da arte porque enxerga a realidade de forma nova, cujo olhar anseia por ruptura contra todo economicismo e determinismo externo. Há uma reforma intelectual e moral precursora da criação de novos modelos artísticos. As vanguardas intelectuais do continente percebem-se dotadas de um saber científico, o qual deve opor-se ao saber burocrático das oligarquias.

A ambição heroica do continente desperta na geração correspondente a função de realizar uma obra histórica, cujo intuito não está na concepção de uma cultura e arte agnósticas. Ao contrário, tal geração sente-se polêmica, sem fazer concessão ao critério geralmente falso da tolerância das ideias, senão recusando tudo o que é divergente à sua ideologia, bem como tudo que não traduz nenhuma ideologia.

Em seu livro *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, o intelectual peruano José Carlos Mariátegui (2010:321), propõe a seguinte reflexão:

O futuro da América Latina depende, de acordo com a maior parte dos atuais prognósticos, da sorte da mestiçagem. Sucedeu-se ao pessimismo hostil dos sociólogos da tendência Le Bon sobre o mestiço, um otimismo messiânico que deposita no mestiço a esperança do continente. O trópico e o mestiço são, na veemente profecia de Vasconcelos, a cena e o protagonista de uma nova civilização. Mas a tese de Vasconcelos que esboça uma utopia – na acepção positiva e filosófica da palavra – na mesma medida em que aspira predizer o futuro, suprime e ignora o presente. Nada é mais distante de sua especulação e de sua tentativa que a crítica da realidade contemporânea, na qual procura exclusivamente os elementos favoráveis à sua profecia.

O mestiço real da história, em contrapartida, não constitui uma “raça cósmica”, uma promessa profética, mas uma mistura das raças espanhola, indígena e africana, já operante no continente, cujo entrecruzamento produz uma variedade complexa, sujeita à influência do meio e da vida americanas.

A raça não é o único elemento determinante na formação de uma sociedade, há outros, na leitura do sociólogo italiano Vilfredo Pareto (MARIÁTEGUI, 2010:323), tais como: a) o solo, o clima, a flora, a fauna, as circunstâncias geológicas, mineralógicas etc.; b) as ações de outras sociedades sobre ela, num dado tempo e espaço; c) o estado dos conhecimentos, as aptidões e interesses da respectiva sociedade, entre outros.

Em outras palavras, a mestiçagem precisa ser vista não em seu aspecto exclusivamente étnico, mas como questão sociológica. A cor da pele impõe-se como diferença, porém, são os costumes, os sentimentos, os mitos, quer-se dizer, os elementos espirituais e formais de tais fenômenos os que se designam com os termos da sociedade e da cultura, reivindicando seus direitos. Na leitura de Mariátegui (2010:324):

O problema étnico, na consideração do qual se comprazeram sociólogos rudimentares e especuladores ignorantes, é totalmente fictício e imaginário. Assume uma importância desmedida para os que, atando servilmente seu julgamento a uma ideia acariciada pela civilização europeia em seu apogeu – e já abandonada por essa mesma civilização, propensa agora em seu declínio a uma concepção relativista da história – atribuem as criações da sociedade ocidental à superioridade da raça branca. As aptidões intelectuais e técnicas, a vontade criadora, a disciplina moral dos povos brancos reduzem-se, ao critério simplista dos que aconselham a regeneração do índio pelo cruzamento, a meras condições zoológicas da raça branca.

O verdadeiro drama íntimo da mestiçagem, na perspectiva do autor, consiste em que – dentro das condições econômico-sociais subsistentes – há a formação não apenas de um novo tipo humano e étnico, mas, sobretudo, de um novo tipo social. Se a combinação de raças pode, por um lado, até anunciar os traços da “raça cósmica”, na imprecisão ou hibridismo social, por outro, predomina uma negatividade, visto que a mestiçagem carece de ascensão. Na sedução do progresso moderno da cultura industrial, “a civilização ocidental constitui um espetáculo confuso” (MARIÁTEGUI, 2010:325). Quer-se dizer: anulam-se as virtudes e valores das raças mescladas entre si para que superstições prepotentes de superioridade racial sejam impostas.

Com isso, objetiva-se esclarecer que, na história das literaturas nacionais americanas, o tom do colonialismo deve findar com uma geração que luta por tornar-se independente da metrópole, a partir de uma renovação de estilo, cuja contradição está clara, nas palavras de Mariátegui (2010:330): “pelos caminhos universais, ecumênicos, que tanto nos desaprovam, vamos nos aproximando cada vez mais de nós mesmos”.

Na introdução de “A expressão americana”, de José Lezama Lima (1988), a escritora brasileira Irlemar Chiampi elucida sobre a formulação do influente escritor cubano a respeito do estudo da América como uma era imaginária, a qual não coincide necessariamente com uma cultura ou tipo de sociedade, mas seu interesse é detectar no curso de uma cultura ou sociedade os tipos de imaginação, os momentos em que se deu a “potencialidade para criar imagens”.

A era imaginária ocorre na vivência poética dos povos, tanto durante os milênios exigidos pela cultura quanto, ocasionalmente, sempre que um fato ocorrido se converte numa vivente causalidade metafórica, na perspectiva de Lezama Lima (1988), esclarecida por Chiampi. No caso do fato americano, a era imaginária não poderia coincidir com a cultura porque faltaria o prestígio do requerido milênio. A América é uma era imaginária que floresce dentro da cultura, cujo estatuto imaginário é detectável dentro do Ocidente.

Ao tentar mostrar o devir americano, Lezama Lima (1988) ilustra a possibilidade de uma era ser transgeográfica, transcultural e trans-histórica. Tal

defesa pauta-se na ideia de que uma sociedade, mesmo após a sua desintegração, não desaparece completamente, mas projeta suas formas em sociedades posteriores. Nesse sentido, uma era imaginária tampouco desaparece, uma vez que traços de seu tipo de imaginação perduram, recompostos em outras eras imaginárias.

Nas palavras de Chiampi (LEZAMA LIMA,1988:31):

Lezama investe o seu conceito da história e da cultura como era imaginária: ela não evolui como o logos hegeliano e tampouco se repete como organismo biológico spengleriano. A nova causalidade que o sujeito metafórico ali imprime mostra, uma vez mais, uma forma em devir – que *vai sendo*, que é re-corrente, que é semelhante sendo diferente, exatamente como uma metáfora.

A unidade americana se manifesta na diversidade. De acordo com o questionamento de Lezama Lima (1988:47), sobre visão histórica:

Somente o difícil é estimulante; somente a resistência que nos desafia é capaz de assestar, suscitar e manter nossa potência de conhecimento, mas, na realidade, o que é o difícil? O que está submerso, tão-somente, nas águas maternas do obscuro? O originário sem causalidade, antítese ou logos? É a forma em devir em que uma paisagem vai em direção a um sentido, uma interpretação ou uma simples hermenêutica, para ir depois em busca da sua reconstrução, que é o que marca definitivamente sua eficácia ou desuso, sua força ordenadora ou seu apagado eco, que é a sua visão histórica. Uma primeira dificuldade, em seu sentido; a outra, a maior, a aquisição de uma visão histórica. Sentido ou o encontro de uma causalidade propiciada pelas valorizações historicistas. Visão histórica, que é esse contraponto ou tecido entregue pela *imago*, pela imagem participante na história.

A visão histórica evocada por Lezama Lima (1988) é a de fundação de gerações que não se formam na vontade de querer o diferente, a qual oculta, na verdade, uma aparência, mas no de ser criação, em que cada criador pode nutrir-se de toda a contribuição da cultura antiga, a qual, ao invés de fatigá-lo, fomenta suas faculdades criadoras, tornando-as surpreendentes. Trata-se de um rico poder para descobrir, através da forma, os conteúdos da criação.

A arte contemporânea, nessa visão, descobre formas de expressão ou conhecimento que estavam em desuso, permanecendo criadoras. Nas palavras de Lezama Lima (1988:184):

Depois da Idade Média, tanto a Contra-Reforma como o espírito loyolista eram formas de rancor, da defensiva, de um cosmos que se desmoronava e que se desejava sustentar com a mais rígida tensão voluntariosa. Só nesse momento é que a América instaura uma afirmação e uma saída para o caos europeu. E um novo espaço que instaurasse um Renascimento, somente o americano pôde oferecê-lo com o seu passado, para brindá-lo de novo aos contemporâneos. [...] A relação alma-corpo-natureza está integrada ante o caos dos valores, ante a *physis*, que preludia o renascimento. Quando o homem sangra em sua impossibilidade, para tornar perdurável o símbolo cria o símbolo da pedra cansada que sangra, um espelho que assegura a perdurabilidade da sua dor. Nenhuma cultura de paliçada chegou no

manejo das grandes pedras à perfeição incaica, sem serragens adequadas, sem meios de elevação e polimento, perfeição que o nosso assombro somente pode comparar com as muralhas babilônicas.

Em um cenário europeu de Contrarreforma, a Conquista da América seguida do processo de Colonização indicam uma solução para o caos europeu o qual começava a sangrar. Na visão de Lezama Lima (1988:185): “oferecemos inconsciente solução ao superconsciente problema europeu”. O discurso americanista busca resolver seu problema crucial de complexo de inferioridade assumindo a heterogeneidade de sua formação histórico-social, sem renunciar ao ambicionado universalismo. Supõe-se peculiar, na medida em que a complexidade de sua formação contrasta com a homogeneidade dos Estados Unidos, bem como com os particularismos etnocentristas europeus.

Focalizar a América como unidade cultural e continuidade histórica constitui, possivelmente, o reto fundamental dos grandes escritores do século XX, no contexto americano. Na definição de Chiampi (LEZAMA LIMA: 1988:18):

Mas, se a geração de intelectuais que atuou entre 1920 e 1940 ainda fizera da identidade o tema dos seus desvelos, a geração seguinte, de 40 a 60, encontra o problema praticamente resolvido. Com os estudos de Fernando Ortiz sobre os processos de transculturação, os de Reyes sobre a abertura às influências, os de Mariano Picón Salas sobre a combinação das formas europeias com as indígenas, os de Uslar-Pietri sobre o processo aluvional do nosso sistema literário ou com a proposta de Carpentier sobre o real maravilhoso, dá-se o reconhecimento da mestiçagem como o nosso signo cultural.

Lezama Lima (1988), igualmente, afasta-se da busca do sentido e causalidade do historicismo e visa a entender a história pela imagem, como o mais arrazoado caminho para a compreensão histórica do devir americano. Parecem-lhe desinteressantes os americanistas angustiados por sua ontologia ou, em outras palavras, por descobrir a essência do homem americano e sua origem. Interessa-lhe, nesta conjuntura, o devir como lugar onde o ser e o não ser se reconciliam em um processo de autoconhecimento conduzido pelo *logos* poético.

Na conclusão de Chiampi (LEZAMA LIMA, 1988:23):

Daí a proposição de um “contraponto de imagens” – atividade metafórica por excelência – que permite apontar o *poder ser* (a Imago) e abranger, contrariamente ao logos hegeliano, a multiformidade do real, sem as constrictões de um *a priori* rígido ao qual todos os fatos devem submeter-se.

Ángel Rama, por sua vez, compreende e põe em prática este espírito transcultural o qual revela a história da América Latina como um devir imagético, apontado por Lezama Lima e ratificado na obra do escritor e crítico literário uruguaio Ángel Rama (2008), em sua obra *Transculturación narrativa en América Latina*, tanto nos seus ideais como no seu modo de fazer literatura. Sua obra abstém-se de um afã puramente internacionalista para dar lugar à peculiaridade cultural desenvolvida no interior da Venezuela e da América Latina, de modo mais amplo.

Ángel Rama (2008) desenvolve, nos dois primeiros capítulos deste livro, o artigo sobre o processo de transculturação na narrativa da América Latina, publicado outrora, na *Revista de Literatura Hispanoamericana*, da Universidade de Zulia, na Venezuela, em 1974. Para Rama (2008:16):

O esforço de independência foi tão tenaz que conseguiu desenvolver, em um continente onde a marca cultural o religa estreitamente à Espanha e Portugal, uma literatura cuja autonomia com respeito às peninsulares é flagrante, mais que por tratar-se de uma invenção insólita sem fontes conhecidas, por haver-se emparentado com várias literaturas estrangeiras ocidentais em um grau não cumprido pelas literaturas-mães<sup>iii</sup>.

A originalidade da literatura latino-americana pôde ser alcançada mediante a representatividade da região na qual surgia a expressão literária por causa da notoriedade desta sociedade em comparação às "progenitoras", tanto pela diferença do meio físico, quanto pela composição étnica heterogênea, além do distinto grau de desenvolvimento a respeito do que se visualizava como único modelo de progresso: o europeu. A missão patriótica dos escritores latino-americanos do século XX tornou sua literatura instrumento apropriado para fraguar a nacionalidade. O princípio ético de cada escritor o aproximou ao sentimento nacional de tal modo que o conduziu a transformar os assuntos nativos em sua "matéria-prima".

Trata-se da nova linguagem latino-americana como instrumento de independência. Abstendo-se de uma possível redução da obra literária à mera documentação sociológica, os grandes escritores do século XX engajam-se no questionamento central de sua época, como definiu Rama (2008:24):

Reestabelecer as obras literárias dentro das operações culturais que cumprem as sociedades americanas, reconhecendo suas audazes construções significativas e o ingente esforço por manejar autenticamente as linguagens simbólicas desenvolvidas pelos homens americanos, é um modo de reforçar estes vertebrais conceitos de independência, originalidade e representatividade. As obras literárias não estão fora das culturas, e sim, as coroam e na medida em que estas culturas são invenções seculares e multitudinárias fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inumeráveis homens. Um compilador, teria dito Roa Bastos. O genial tecelão, no vasto ateliê histórico da sociedade americana.<sup>iv</sup>

A originalidade na literatura latino-americana funciona quase como um roteiro, na medida em que abre espaço à peculiaridade cultural desenvolvida no interior, a partir do esforço ingente de vastas sociedades de construir suas linguagens simbólicas. A emancipação política dos processos de Independência coloca as literaturas modernas no leito do princípio burguês, cuja originalidade e representatividade estão situadas sob um dialético eixo histórico. Dado que essas literaturas correspondem a países que romperam com suas progenitoras, rebelando-se com seu passado colonial, deveriam ser, forçosamente, originais quanto a tais fontes.

Nas palavras de Rama (2008:20):

Crioulismo, nativismo, regionalismo, indigenismo, negrismo, e também vanguardismo urbano, modernização experimentalista, futurismo, restauram o princípio da representatividade, outra vez teorizado como condição de originalidade e independência, embora agora dentro de um esquema que muito devia a sociologia que havia estado desenvolvendo-se com imperícia'.

Ao criticar obras literárias provenientes, pura e simplesmente, de barcos europeus, Rama (2008) alude à necessidade de que o nome da América Latina não seja evocado em vão, ressaltando a importância de que a acumulação cultural interna seja capaz de prover não somente a "matéria-prima" indispensável, como também uma cosmovisão, uma língua, uma técnica para produção das obras literárias.

De acordo com Ángel Rama (2008:41), com o qual estamos de acordo, é justamente esta capacidade latino-americana de elaborar com originalidade, ainda que em difíceis circunstâncias históricas, toda esta mescla cultural o que a torna uma sociedade vívida, criadora e plural. Reportando-nos, novamente, às palavras de Martí (1983:70): "enfrentando a tarefa, o trabalho é um dever, a injustiça é uma provação e o silêncio, culpa".

Resumo: Este artigo discute as visões teórico-críticas dos escritores americanos José Martí, José Carlos Mariátegui, José Lezama Lima e Ángel Rama acerca da constituição da Literatura Latino-americana do século XX –, a fim de parear as influências intelectuais e estéticas do respectivo século, no entendimento da especificidade da realidade latino-americana, em sua formação histórica e, por conseguinte, literária.

Palavras-chave: América Latina; Modernidade; Literatura Latino-americana

Resumen: Este estudio discute las visiones teórico-críticas de los escritores americanos José Martí, José Carlos Mariátegui, José Lezama Lima y Ángel Rama respecto a la constitución de la Literatura Latinoamericana del siglo XX – a fin de parear las influencias intelectuales y estéticas del siglo, en la comprensión de la especificidad de la realidad latinoamericana, en su formación histórica y, por consiguiente, literaria.

Palabras-clave: Latinoamérica; Modernidad; Literatura Latinoamericana

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. do russo por Aurora FornoniBernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1998.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento de nuestra América: autorreflexiones y propuestas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, CLASCO, 2006.

LEZAMA LIMA, José. *A expressão americana*. Tradução, introdução e notas de Irlemar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. Trad. Felipe José Lindoso. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: CLACSO, 2010. (Coleção Pensamento Social Latino-Americano)

MARTÍ, José. "O caráter da Revista Venezuelana". In: *Nossa América*: antologia. Textos selecionados por Roberto Fernández Retamar. Trad. Maria Angélica de Almeida Trajber (com a colaboração de Beatriz Cannabrava). São Paulo: Hucitec, 1983, pp.67-71.

\_\_\_\_\_. "Mãe América". In: *Nossa América*: antologia. Textos selecionados por Roberto Fernández Retamar. Trad. Maria Angélica de Almeida Trajber (com a colaboração de Beatriz Cannabrava). São Paulo: Hucitec, 1983, pp.186-193.

\_\_\_\_\_. "Nossa América". In: *Nossa América*: antologia. Textos selecionados por Roberto Fernández Retamar. Trad. Maria Angélica de Almeida Trajber (com a colaboração de Beatriz Cannabrava). São Paulo: Hucitec, 1983, pp.194-201.

\_\_\_\_\_. "Só será escritor imortal nas Américas". In: *Nossa América*: antologia. Textos selecionados por Roberto Fernández Retamar. Trad. Maria Angélica de Almeida Trajber (com a colaboração de Beatriz Cannabrava). São Paulo: Hucitec, 1983, pp.65-66.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

---

<sup>i</sup> BAKHTIN (1998) p.89.

<sup>ii</sup>MARTÍ (1983) p.197.

<sup>iii</sup>"El esfuerzo de independencia ha sido tan tenaz que consiguió desarrollar, en un continente donde la marca más profunda y perdurable lo religa estrechamente a España y Portugal, una literatura cuya autonomía respecto a las peninsulares es flagrante, más que por tratarse de una invención insólita sin fuentes conocidas, por haberse emparentado con varias literaturas extranjeras occidentales en un grado no cumplido por las literaturas-madres". [Traduçãoonossa]

<sup>iv</sup> "Restablecer las obras literarias dentro de las operaciones culturales que cumplen las sociedades americanas, reconociendo sus audaces construcciones significativas y el ingente esfuerzo por manejar auténticamente los lenguajes simbólicos desarrollados por los hombres americanos, es un modo de reforzar estos vertebrales conceptos de independencia, originalidad, representatividad. Las obras literarias no están fuera de las culturas sino que las coronan y en la medida en que estas culturas son invenciones seculares y multitudinarias hacen del escritor un productor que trabaja con las obras de innumerables hombres. Un compilador, hubiera dicho Roa Bastos. El genial tejedor, en el vasto taller histórico de la sociedad americana." [Traduçãoonossa]

<sup>v</sup>"Criollismo, nativismo, regionalismo, indigenismo, negrismo, y también vanguardismo urbano, modernización experimentalista, futurismo, restauran el principio de representatividad, otra vez teorizado como condición de originalidad e independencia, aunque ahora dentro de un esquema que mucho debía a la sociología que había estado desarrollándose con impericia". [Traduçãoonossa]